

**Discurso proferido pela Prof<sup>a</sup> Lucia Teixeira,  
pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Estudos de  
Linguagem da UFF**

**Solenidade de outorga do Prêmio Excelência Científica 2023,  
Área Humanidades**



No início dos anos 1970, eu ingressava na UFF como aluna do curso de Letras e conciliava os estudos com o emprego de professora do ensino primário, hoje correspondente ao Fundamental I, numa escola municipal no alto de uma ladeira de terra, na Pavuna. As cinco salas de aula eram distribuídas em torno de um refeitório em que a dobradinha com polenta e o macarrão com salsicha faziam a alegria da criançada. No dia dos professores, eu ganhava festa, flores de jardim e faixa e coroa em papel laminado dourado, cuidadosamente contornadas, a faixa e a coroa, de purpurina prateada. Voltava para Niterói, no ônibus que corria pela Avenida Brasil e na barca da qual ainda não se avistava o lindo campus da UFF, voltava com a sacola carregada desses presentes e o coração orgulhoso da certeza

de que todos em volta, por onde eu passasse, imaginariam que eu era professora e havia sido homenageada pelos alunos. Eu tinha 18-19 anos e essa sensação de orgulho de ser professora nunca me deixou.

A memória, diz a poeta Adélia Prado, é “contrária ao tempo”, porque cria em nós “eternidades”. Pequenos gestos de afeto, encontros surpreendentes, certos sustos, um riso mais solto, uma tristeza escondida, o dia em que compreendemos um conceito, o momento em que descobrimos o amor – os acontecimentos memoráveis ficam em nós para nos guardar da linha extensa e do fluxo contínuo do tempo, para reter em nós as experiências que vão de fato configurar quem somos e o que queremos.

A lembrança de meus alunos da escola da Pavuna ressoa hoje na distinção que a universidade me confere, ao lado das duas colegas das outras áreas que dividem comigo essa premiação, Joanna Maria Gonçalves de Souza Fabjan e Kita Chaves Damásio Macário. Somos três mulheres cientistas e creio que isso já diz muito sobre as mudanças ocorridas ao longo desses 51 anos em que, como estudante e professora, estou na UFF e ela está em mim.

A universidade, ensina o linguista José Luiz Fiorin, surgiu com uma “vocação universalista”, que est a na etimologia da palavra. Se hoje vivemos um tempo de fragmenta o e dispersão do conhecimento, ser a preciso guardar da universidade sua natureza, desenvolvida ao longo dos s eculos em que esteve voltada para a totalidade da experiência humana. O alto grau de especializa o, a expansão de fontes e a multiplica o de desafios, os avanços tecnológicos, as exigências de produ o em escala cada vez mais acelerada e volumosa, nada disso pode afastar a universidade de sua natureza universalista. Recentemente a universidade pública brasileira viu-se às voltas com o risco de ser afetada pela ignorância e a brutalidade e soube não são manter-se ativa em defesa de seus papéis sociais, mas também soube afirmar-se como a institui o mais firmemente equipada para recusar o domínio da barbárie. Soube criar o que Fiorin chamou de “espaços semânticos e enunciativos comuns”, porque fez sobressa ir as “realiza es do espírito” sobre as “vicissitudes históricas”. A universidade pública brasileira   um orgulho para esse país e sua gente, porque   nela que est a hoje a pesquisa mais qualificada, o conhecimento que acolhe a diferença, a palavra e as inven es que asseguram o respeito   vida e a promessa consequente de uma sociedade mais justa, equilibrada, inclusiva, solidária e feliz.

As Humanidades têm papel relevante na construção dessa universidade plural, democrática e socialmente relevante. Área que abrange, no domínio dos saberes institucionalizados, as Ciências Humanas, as Ciências Sociais Aplicadas, a Linguística, as Letras e as Artes, as Humanidades têm, entretanto, um sentido maior do que o de se constituir como nomenclatura que congrega áreas afins.

Num artigo em que discute o papel das Letras no campo das Humanidades, Alcir Pécora afirma:

As Humanidades importam não porque ajudem a formar empreendedores, mas porque estimulam possibilidades alternativas de interlocução do presente pela ostensiva mediação do legado cultural. Poder-se-ia dizer, de outro modo, que um estudioso de nossa área é fundamentalmente alguém que cria uma ficção, ao mesmo tempo persuasiva e descontente, a respeito de si mesmo e do mundo em que se insere. É preciso ser descontente, pois o seu trabalho não descobre nada e ainda não resolve nada, mas, se for bom, deve associar-se à tensão cultural que sempre anda à roda do “novo”. (PÉCORA, 2002)

Nas palavras **interlocução** e **ficção** podemos reconhecer forças discursivas que oferecem impulso para a mediação entre tempos e espaços, de modo a produzir um pensamento em que o descontentamento, como diria Caetano Veloso, lance “mundos no mundo” de forma persistente e persuasiva.

Se não nos queremos deixar imobilizar pela grandiosidade e alcance dos problemas, será preciso olhar para dentro de nós, de nosso conhecimento de mundo, de nossa cultura acadêmica e de nossa alma descontente, buscar interlocutores que compartilhem dessa impossibilidade de silenciar e dessa angústia de agir e começar a dizer qual mundo concreto e quais potências de imaginação podemos oferecer como legado, como experiência e como reprocessamento do acúmulo histórico da inteligência e da cultura. Porque se o conhecimento das ciências de modo geral tende a ser superado continuamente, as Humanidades se constituem justamente como patrimônio, como costuma dizer Renato Janine Ribeiro. A ideia das Humanidades como esse tesouro, esse legado a ser guardado, expande-se na proposta do físico e crítico de arte Mario Schenberg de tomar “a imaginação fantástica” como “guia para a ação mais eficaz do que o simples raciocínio lógico, no mundo de hoje e, sobretudo, no de amanhã” (apud MARCOVITCH, 2002).

Eu, que sou da Linguística e da Semiótica, só posso pensar nessa direção que leva aos mundos da ficção, da poesia, das línguas, esses mundos de imaginação e sensorialidade que falam da aventura humana de existir nas linguagens.

Os linguistas tentam explicar um universo humano em que se falam hoje cerca de 7 mil línguas. Falam-se mais de 400 línguas na Nigéria e na Índia, mais de 800 na Papua-Nova Guiné e mais de 600 na Indonésia. Falam-se cerca de 200 línguas em Camarões e na Austrália. No Brasil, o censo do IBGE de 2010 estimava que, das 1300 línguas indígenas existentes há 500 anos, sobrevivam hoje 274, faladas por 305 etnias, e só esse dado nos dá a dimensão do tesouro de que estamos falando e do risco que corremos se não lutarmos por sua preservação. O linguista francês Claude Hagège alerta que desaparecem cerca de 25 línguas por ano. Não é a mundialização que faz desaparecerem as línguas, mas a constituição de novos Estados que, pela força de impor novo poder e institucionalizar nova organização social, faz prevalecer as línguas de maior prestígio e alcance internacional. Quando uma língua se extingue desaparecem histórias e cosmovisões. Em todo ser humano privado de falar sua própria língua existe a dor de perder a identidade e a plenitude da expressão de seu pensamento, de sua alma, de sua história.

Os linguistas observam nas línguas um modo de organizar, preservar e construir o conhecimento do mundo e a compreensão da vida social, descrevem e analisam um objeto em permanente mudança, incessantemente remodelado pela sucessão das gerações. Refletem sobre a aquisição da linguagem, o funcionamento do discurso, os usos da língua, as repercussões sócio-históricas das variações linguísticas e do preconceito linguístico.

Se falo da Linguística é porque me parece que ela reúne, nas Humanidades, o caráter científico e a vocação para a reflexão conceitual e dispersiva que só pode eger, como força máxima da possibilidade do sonho e da transformação, a palavra. Expandida em plenitude na criação poética, a palavra é a lança que pode atingir a totalidade do universo, em sua ligação com as Ciências da Vida, as Ciências Exatas e Tecnológicas e as Humanidades. Para citar ainda uma vez Caetano Veloso em sua canção **Livros**, que devemos ouvir sempre:

Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso  
(E, sem dúvida, sobretudo o verso)  
É o que pode lançar mundos no mundo.

Todos nós que estamos na universidade, tal como os artistas da palavra, somos lançadores de mundos no mundo, para abrir possibilidades, criar sonhos, fortalecer a imaginação e produzir conhecimento.

Tudo isso a Universidade Federal Fluminense me ensinou ao longo de meu percurso acadêmico. Sou agradecida a esta universidade que me tornou a pessoa que sou hoje, que deu direção e sentido à minha vida. Gostaria de concluir com agradecimentos particulares aos que estiveram e estarão ainda comigo nessa trajetória de pesquisadora e professora. Agradeço primeiramente à minha família, minha mãe, essa lindeza que tenho a felicidade de ter aqui hoje comigo celebrando esta homenagem, que divido inicialmente com ela, sua graça e lucidez de 93 anos de sabedoria e amor à vida; minhas filhas, Fernanda e Flávia, presenças da beleza e da vitalidade, da alegria de viver e da inquietação, meus grandes amores; minhas irmãs, mulheres fortes e determinadas, Andrea, Rosane, Leila e Angela, afetos para sempre em meu coração. Agradeço ainda aos amigos que fiz na UFF, porque também isto me deu a universidade: os melhores amigos, as melhores amigas. Aos que estão hoje aqui comigo e aos que não puderam estar, agradeço emocionada tanta amizade e tanta partilha, nomeando uma dessas amigas, a que não mais está aqui, a que me trouxe para o exercício da docência na UFF e deu início a essa linhagem de amigos, minha querida Marlene Gomes Mendes. Agradeço aos que me formaram, me orientaram, me indicaram caminhos e me ofereceram os exemplos mais inspiradores da docência e da pesquisa, especialmente a José Luiz Fiorin, meu orientador de doutorado na USP e meu querido amigo. Agradeço com muito carinho aos meus colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, do Departamento de Ciências da Linguagem, do Instituto de Letras, que criaram, ao longo desses anos, um ambiente de parceria e afeto que fez de todos os meus dias de trabalho dias de prazer e conforto. Agradeço aos dirigentes da Universidade, tão empenhados em criar condições de trabalho dignas e estimulantes.

Agradeço a meus colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, aqui hoje representados pelo nosso querido coordenador Ivo do Rosário, pela indicação de meu nome para esse prêmio tão honroso e à comissão externa que escolheu a mim, à Kita e à Joanna como merecedoras dessa honraria.

Agradeço aos acompanhados e companheiras do SeDi, o grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso que criamos em 2006 e vem realizando pesquisas, publicações e eventos nacionais e internacionais de grande alcance e consistência. Ter liderado a criação desse grupo é talvez o maior orgulho da minha atuação acadêmica. Agradeço a companhia dos colegas mais jovens, que me permitem acompanhar com a lucidez possível a mudança dos tempos e dos gostos. Agradeço às mulheres das Letras e de todas as demais áreas, pela luta fraterna que nos une no reconhecimento e ocupação dos lugares que queremos ocupar e nem sempre foram nossos.

Agradeço emocionada e com o coração cheio de amor e gratidão aos meus alunos e alunas de todos esses anos, esses e essas jovens que reavivaram meu ânimo em tantos momentos, que me tornaram mais aberta e tolerante, que me estimularam a estudar mais, pesquisar melhor, ensinar com entusiasmo. Silvia Maria de Sousa e Karla Faria, aqui hoje presentes, que me acompanham desde 1994, quando voltei do doutorado, e me ensinaram a ser orientadora, representam essa parte mais amorosa e importante das realizações que pude fazer na carreira.

Com todos vocês divido esse prêmio que me honra enormemente. O reconhecimento de um trabalho ocorre diariamente, no olhar ou na pergunta de um aluno, numa descoberta, numa exclamação que põe a vida no lugar (“Ah! Então era isso!...”), na cumplicidade intelectual de um colega, na maçã que, um dia, um aluno de graduação me levou dizendo: “Trouxe pra vc porque eu sempre quis fazer isso, trazer uma maçã pra professora.” Que as flores de jardim e as maçãs da merenda nos tragam sempre a dimensão da realidade de que os prêmios mais abstratos e honoríficos poderiam nos afastar.

Eu costumo dizer ultimamente que, não tendo mais energia para acompanhar muitas das transformações da vida acadêmica, guardo ainda em meu espírito inquieto, descontente e inconformado o desejo de cumprir uma missão: a de entusiasmar os mais jovens, a de dizer-lhes que não esmoreçam, sejam generosos e solidários, sejam produtivos e dedicados e nunca se esqueçam de que é preciso sempre lutar pela universidade pública brasileira, comprometida socialmente com a defesa da democracia, da liberdade, da justiça e da igualdade de oportunidades para todos os brasileiros e brasileiras.

Muito obrigada!